



SEÇÃO: ARTIGOS

Historiografia e imagem: uma perspectiva historiográfica sobre a adesão das fontes visuais na História internacional e nacionalmente

Historiography and image: a historiographical perspective on the adhesion of visual sources in international and national history

Khyara Gabrielly

Mendes Fontanini¹

orcid.org/0000-0003-1003-4477

khyaragmfontanini@gmail.com

Recebido em: 24/3/2020.

Aprovado em: 20/5/2020.

Publicado em: 26/4/2020.

Resumo: Há pouco tempo, historiadores como Paulo Knauss e Peter Burke afirmavam a importância das fontes visuais como objeto de pesquisa para a História, e que o encontro com as fontes imagéticas ocorreria em breve e seria necessária uma avaliação historiográfica sobre esse processo. Partindo da premissa de que essa renovação historiográfica já vem ocorrendo, este artigo pretende traçar linhas gerais sobre o tema Historiografia e Imagem no circuito internacional e nacional, ressaltando assim as "Viradas imagéticas" internacionais e os percursos de formação de redes intelectuais brasileiras que se dedicaram ao assunto, destacando, portanto, a renovação historiográfica nos programas de pós-graduação em História, pesquisadores relevantes, assim como obras e livros. Desta forma, compusemos uma pequena História da Historiografia sobre o uso de imagens como fonte histórica.

Palavras-chave: Historiografia. Imagem. História da Historiografia.

Abstract: Recently, historians such as Paulo Knauss and Peter Burke affirmed the importance of visual sources as an object of research for History, and that the encounter with imagery sources would occur soon and a historiographic evaluation of this process would be necessary. Based on the premise that this historiographic renewal has already taken place, this article intends to draw general lines on the theme Historiography and Image in the international and national circuit. Thus highlighting the international "imagery turns" and the paths of formation of Brazilian intellectual networks that dedicated themselves to the subject. Therefore, highlighting the historiographic renewal in the Graduate Programs, relevant authors, as well as works and books. In this way we composed a short History of Historiography on the use of images as a historical source.

Keywords: Historiography. Image. History of Historiography.

Introdução

O debate a respeito da inclusão das imagens na historiografia como fonte de pesquisa já é amplo e subdividido em diversos aspectos, permeado por discursos de historiadores e cientistas sociais em geral, bem como teóricos do mundo das artes, cinema e fotografia. Ele inclui desde perspectivas sobre o como fazer a análise histórica a partir das imagens – além do próprio entendimento em torno do que é uma fonte histórica – a tentativas de definição do que seriam as imagens, que se desdobram em outros conceitos como visualidade, visibilidade, olhar, entre outros. Além disso, esse momento de inclusão se deu em diferentes tempos no circuito



¹ Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, SP, Brasil.

historiográfico nacional e internacional. Heterogêneas tensões e debates permearam essa historiografia e a discussão sobre essa historiografia.

Autores como Emmanuel Alloa (2015) e Ulpiano T. B. de Meneses (2012), no início do século XXI, ressaltam ainda que a tarefa de se definir o que são as imagens não se esgota, bem como a necessidade do historiador em compreender as possibilidades de interdisciplinaridade que abrangem diversas ciências humanas e da cognição. Mediante tamanha diversidade, pretendemos neste artigo permear como esta rede intelectual em torno das imagens se formulou internacionalmente e, em especial, como processo semelhante se deu na historiografia brasileira.

A respeito da constituição desse campo internacionalmente, discutiremos as "viradas visuais" apresentadas por Paulo Knauss (2008) e Francisco das C. Santiago Jr. (2019), bem como uma abordagem geral a partir dos textos de Peter Burke (1998, 2004). Já a respeito das características dos estudos visuais no Brasil, destacaremos alguns pontos como: a formação dos programas de pós-graduação em História da USP, UFF, Unicamp e UFRJ e suas características de renovação ou não renovação historiográfica (SANTOS, 2019); os comentários sobre os *Annales* presentes em artigos dos livros *Domínios da História* (1997) e *Novos Domínios da História* (2012); as ferramentas de pesquisa e inovações que adentraram a historiografia brasileira ao longo dos anos 1980 (FICO; POLITO, 1992); o aparecimento dos primeiros artigos com estudos imagéticos na *Revista Estudos Históricos* e na *Revista Brasileira de História*; por fim, uma análise dos Simpósios Temáticos que abordavam os objetos visuais nos Simpósios Nacionais de História realizados pela Associação Nacional de História (Anpuh) entre 2005 e 2019.

1 Historiografia internacional

Um discurso mais geral, ou melhor, generalista, foi o engendrado por Peter Burke em *Testemunha*

Ocular. Esse livro tem um caráter de "portas de entrada" a respeito do uso das imagens como fonte de conhecimento para os pesquisadores. De acordo com Burke, tal como a escrita, o universo imagético é repleto de possibilidades para os historiadores, pois os objetos que o representam ganharam espaço justamente por auxiliarem a responder novas questões; em suas palavras, "a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo etc." foram viabilizadas, entre outros documentos, pelo uso das imagens (BURKE, 2017, p. 17).

Ainda segundo autor, o uso com maior intensidade dos objetos imagéticos deu-se a partir dos anos 1980, com a chamada "virada pictórica". O termo foi utilizado por William Mitchell para designar os novos trabalhos históricos adeptos das análises visuais que surgiram com intensidade nos países anglófonos, tendo como representantes o periódico *Past and Present*, o simpósio americano *Journal of Interdisciplinary History* e a coleção "Picturing History" (BURKE, 2017, p. 23). No entanto, Burke ainda recobra o fato de que historiadores do XIX, como Jacob Burckhardt e Johan Huizinga, já produziam estudos a partir de objetos imagéticos.²

Essa breve rememoração historiográfica é correta, porém pode ser completada pelas análises de Paulo Knauss (2008) e Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (2019). A partir dos dois artigos, uma formulação a partir de três frentes internacionais nos é apresentada sobre as chamadas "viradas" introduzidas pelo campo, a saber: o *pictorial turn* nos Estados Unidos da América, representado por William Mitchell, já citado por Burke; a *iconic turn* na Alemanha ou *Bildwissenschaft*, posto a cena por Gottfried Boehm; e a *Theorie de L'image* na França ou virada visual, desempenhada por Georges Didi-Huberman. Essas "viradas", segundo Santiago Jr. (2019), ganharam maior circulação e visibilidade ao longo dos anos 1990.

Apesar dessas diferentes frentes, de acordo com o mesmo autor, havia uma sensação ou

² A respeito dos séculos XVIII e XIX, Meneses ainda acrescentaria: "Antes que em meados do século passado os próceres do grupo dos *Annales* alforriassem, como se acredita, a imagem visual para servir de fonte histórica, é no século XVIII que começa a se afirmar o potencial cognitivo da imagem. [...] Mas é somente no século XIX que a imagem assume com intensidade sua capacidade documental, em especial com a rápida divulgação da fotografia, abundantemente empregada em geografia, antropologia, etnografia, arqueologia, ciências biológicas, astronomia, história da arte, arquitetura e urbanismo, e assim por diante" (MENESES, 2012, p. 250-251).

prática de repressão do visual, tendo em vista alguns fatores como a pouca presença desse elemento na historiografia e a percepção da pouca habilidade do historiador em lidar com essas fontes, relegando-as a uma espécie de subcidadania histórica.³ Acrescentaríamos ainda que autores que trabalham com imagens, em regra, costumam apresentar seu texto explicando-se, defendendo seu objeto, formulando indagações sobre sua ausência na historiografia e explicitando seus métodos de forma muito cuidadosa. Tal fato expressa o caráter de "novidade" desses estudos, que parecem necessitar ainda de respaldo dos pares para legitimar sua validade científica.⁴

Porém, ainda segundo Santiago Jr, as bases para essas viradas já estavam dadas antes mesmo dos anos 1990, pautadas por pesquisas de outras ciências, demonstrando o quanto a pesquisa em imagens é multidisciplinar, e se debruça sobre temas pouco respaldados pelo que costumamos chamar de fonte oficial. No trecho a seguir, o autor evidencia esses estudos por meio da fala de outros estudiosos:

Quando as viradas à imagem foram propostas no início dos anos 1990, as suas bases já eram resultados de pesquisas em muitas disciplinas (história da arte, história do cinema, história das tecnologias, antropologia visual, psicanálise, psicologia cognitiva, etc.) sobre alguns aspectos centrais: 1) as mídias (orais, impressas, visuais) como tecnologias sociais da comunicação com implicações cognitivas, sendo, portanto, *tecnologias do pensamento* (GOODY, 2012; SAMAIN, 2001); 2) o *olhar como uma organização do campo cognitivo historicamente construído* (BAXANDALL, 1991; ALPERS, 1999) que *implica na produção das diferenças e identidades sociais*; 4) as imagens como dotadas de diferentes *estatutos sociais e epistêmicos* nos tempos e nos espaços (BELTING, 2013; DEBRAY, 1993; VERNANT, 2002); 5) o ver como algo que se faz, um tipo de performance *através de técnicas em corpos e materiais* (MIRZOEFF, 2018) e as imagens como sujeitas socialmente a usos diversos (ALPERS, 1999; BAXANDALL, 1991; CRARY, 2012; GUNNING, 1991); 6) as imagens como fundamento da produção do conhecimento socialmente compartilhado, inclusive do científico (BREDEKAMP, 2015; GUNNING, 1991; KEMP, 1990; MEAD; BATESON, 1942;

YATES, 2007; MAUAD, LOPES, 2014) (SANTIAGO JÚNIOR, 2019, p. 408, grifo nosso).⁵

No que diz respeito ao *pictorial turn*, Paulo Knauss (2008) descreve as pretensões traçadas pelos movimentos chamados "aproximação anglo-saxônica" e "virada icônica alemã" (ou, como prefere o autor, "vertente germânica"), que, voltados à chamada Cultura Visual, englobam múltiplas imagens, sejam da arte, do *design*, digitais ou nos demais suportes.

A respeito da aproximação anglo-saxônica, Knauss destaca duas principais vertentes, uma mais abrangente e outra mais restrita. A mais abrangente é defendida por W. J. T. Mitchell e por Martin Jay, que cunharam os termos *Pictorial Turn* e *Visual Turn*, respectivamente, ambos com a intenção de enfatizar a importância do visual e da visualização, em que "a cultura visual serve para pensar diferentes experiências visuais ao longo da história em diversos tempos e sociedades" (KNAUSS, 2008, p. 157). Essa proposição implica pensar a historicidade não só das imagens, mas também as experiências visuais que cada sociedade pode vivenciar, corroborando com a ideia de que nem tudo pode ser visto em certa época e lugar e as condições determinantes do que pode ser visto perpassam por características de organização social, cultural e política que variam de acordo com o tempo, espaço e rede de produção e circulação.

Já a definição mais restritiva, segundo Knauss, é defendida por Chris Jenks e Nicholas Mirzoeff. O primeiro entende que a cultura visual enquanto prática social é um desdobramento da cultura ocidental; assim, o ocularcentrismo (a centralidade do olhar)⁶ é pautado na observação e no empirismo que são bases do pensamento científico ocidental. Mirzoeff, por sua vez, acrescenta que a cultura visual é uma característica cultural da contemporaneidade, pois há muito mais consumo e meios técnicos de se produzir imagens, principalmente, virtuais e digitais.

³ Ideias tomadas por Santiago Júnior respectivamente de Cardoso e Mauad (1997) e Menezes (2012).

⁴ Constatação notada pela autora do artigo a partir da leitura da introdução de diversas teses, dissertações, artigos e livros de história que trabalham com imagens.

⁵ No original, o autor pula o item três.

⁶ JAY, Martin. The Disenchantment of the Eye: surrealism and the crisis of ocularcentrism. *Visual Anthropology Review*, v. 7, n. 1, p. 15-38, 1991.

A vertente germânica possui o nome de *Bildwissenschaft* "ciência da imagem". A palavra *bild* (imagem), contudo, designa um campo mais amplo em relação aos tipos imagéticos, que não possui tradução para o inglês ou português. Essa ciência da imagem alargaria a História da Arte de modo que abarcasse todas as imagens, evitando assim a formação de um outro campo disciplinar. Para Hans Belting, a *Bildwissenschaft* seria uma nova forma da iconologia, uma iconologia reformulada, que leva em conta a Antropologia da Imagem e a História do Olhar. A corrente germânica tem como antecedentes os estudos culturais de Aby Warburg e a iconologia Erwin Panofsky, que anteriormente já haviam expressado interesse por imagens consideradas não-artísticas.⁷

Por fim, a virada francesa – a *Theorie de L'Image* – é marcada, de acordo com Santiago Júnior, pela combinação entre Filosofia e História, notadamente no trabalho do já citado filósofo-historiador da arte Georges Didi-Huberman. Esse autor propõe uma análise singular das imagens, ou melhor, das imagens em sua singularidade, em seus aspectos simatológicos e únicos. As imagens apresentariam sintomas, que vistos profundamente demonstrariam encarnações de sentidos significados e ressignificados pelos homens. Com base nos estudos de Warburg, a análise trazida por Didi-Huberman desperta o problema do anacronismo na história, tendo em vista que a sobrevivência dos sintomas encontrados nas imagens não poderia ser posta em uma perspectiva diacrônica, pois sintomas passados sobrevivem e se vinculam com o momento de produção e circulação da obra, assim como o momento do acontecimento único em que o objeto imagético é posto aos olhos de seu espectador. Desse modo, para Didi-Huberman é essencial que o pesquisador, além de conhecer as características formais e contextuais da obra, também deixe de lado, por algum momento, o próprio saber em face à obra.

2 Historiografia brasileira

Santiago Júnior afirma que todo este debate chegou à historiografia nacional nos anos 2000 graças, principalmente, ao trabalho de três autores: Ulpiano T. Bezerra de Meneses, no artigo "Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares", de 2004; Paulo Knauss, no artigo "O desafio de fazer histórias com imagens: arte e cultura visual", de 2006; e Manuel Salgado Guimarães, no artigo "Vendo o passado: representação e escrita da história", de 2007 no qual levanta a problemática da visualização do passado através dos museus e do patrimônio histórico.

Há, contudo, outros movimentos mais profundos, estruturais, da e em nossa historiografia que remetem aos anos 1980 e permitem uma compreensão mais ampla da relação dos historiadores e historiadoras nacionais com as imagens. Um deles é a influência da escola dos *Annales*, particularmente da geração da *Nouvelle Histoire*, e sua proposta de renovação de temas, fontes e abordagens engendradas em torno dos estudos culturais; outro é a disputa ao redor dos novos espaços de consolidação de produção do conhecimento histórico, as pós-graduações, constituídas na década anterior; e, finalmente, o próprio contexto social e político no Brasil à época, que reclamava por inovações.

Para compreender melhor os dois primeiros itens listados, a tese de Wagner Geminiano dos Santos, intitulada *A Invenção da Historiografia Brasileira Profissional, Acadêmica: Geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil. (1980-2012)*, faz-se crucial. Nela, o autor estabelece uma ampla análise da historiografia brasileira, mobilizando os conceitos de Geografia Disciplinar e Memória Disciplinar para o exame de três revistas acadêmicas: a *Revista Brasileira de História* e seu contexto de produção vinculado à Anpuh; a *Revista Estudos Históricos*, ligada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-Rio) e aos

⁷ Sobretudo pelo fato de que Warburg já havia influenciado uma geração de intelectuais, como o próprio Panofsky, além de Fritz Saxl, Edgar Wind e Ernst Gombrich (Ver GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 41-42).

historiadores das instituições cariocas em geral; e a *Revista Anos 90*, ligada aos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Percebe-se, com isso, que, do início da década de 1980 até o final da década de 1990, os PPGH das instituições paulistas e cariocas são os mais expressivos na produção de conhecimento histórico nas páginas das revistas; no entanto, não representavam discursos homogêneos entre si, e sim falas de disputa por consolidação de espaços e autoridade sobre a constituição da "historiografia nacional".

A partir da tese de Santos, podemos recobrar algumas características gerais destes programas no período ora mencionado. No PPGH da Universidade de São Paulo, por exemplo, foi forjada uma memória de renovação da historiografia nacional a partir das recomendações suscitadas pela escola dos *Annales*, em especial sua terceira geração; assim, o programa foi definido por alguns autores como uma continuidade dos *Annales*,⁸ embora a permanência intrínseca do sistema de cátedras fizesse com que a renovação não ocorresse de fato. Já no programa recém-criado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), havia de fato uma proposta de renovação da escrita histórica, incluindo os estudos culturais e com forte influência de autores como E. P. Thompson e Michel Foucault.⁹ Quanto aos programas cariocas,

nos PPGH da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) havia a influência de brasilianistas de tradição americana, inglesa e alemã.¹⁰

A formação disciplinar desses programas apontados por Santos também se reflete na produção historiográfica sobre as imagens feita pelos historiadores brasileiros. Existe, a princípio, um lugar comum de fala sobre a imanência dos estudos imagéticos com o incentivo dos *Annales*, como podemos ver, primeiro, no que diz Ana Maria Mauad e Ciro Flamarion Cardoso:

Num período da historiografia quando a máxima seguida era "a história faz-se com textos", aquela posição não teve maior impacto. No entanto, imbuidos deste caráter generalizador dos testemunhos, Marc Bloch e Lucien Febvre, os fundadores dos *Annales*, conclamaram em 1929 os historiadores a saírem dos seus gabinetes e farejarem, tal como o ogro da lenda, "a carne humana" em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada por quaisquer meios. Para os historiadores que ouviram o apelo de Bloch e Febvre, o texto ganha contornos mais amplos, incluindo toda a produção material e espiritual humana: [...] De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador (MAUAD; CARDOSO, 1997, p. 568-569).

⁸ Sobre esta formação, Santos destaca as falas de Alice Canabrava à frente da direção da *Revista Brasileira de História* e da memória forjada no livro *Escola Uspiana de História* (1994). Sobre a fala de Canabrava, "Com este discurso Canabrava procurava articular muito claramente a produção historiadora dos associados da ANPUH a uma única tradição historiográfica, a tradição francesa" (SANTOS, 2018, p. 50). Ainda sobre Canabrava e sua influência na composição do livro o autor cita: "Este discurso de Canabrava e sua tentativa, já nas páginas da RBH, de construir uma determinada história da historiografia brasileira e de vinculá-la a uma determinada escola e a uma dada tradição encontraria eco, alguns anos depois, mais precisamente no ano de 1994, no texto de Maria Helena Rolim Capelato, Raquel Glezer e Vera Lúcia Amaral Ferlini intitulado a "Escola uspiana de História" no qual as autoras procuram constituir a produção historiadora da USP quase como uma continuidade da produção dos *Annales*. Inclusive a história da "escola uspiana de História" feita por elas segue a velha divisão em fases, e não por coincidência as autoras a dividem em três fases bem aos moldes de como se conta, tradicionalmente, a história dos *Annales*" (SANTOS, 2018, p. 51).

⁹ Sobre as propostas de renovação e de oposição ao programa de USP, destacamos os trechos em que Santos analisa a fala de Edgar de Decca sobre a constituição do PPGH da Unicamp: primeiro, "o Programa de Pós-Graduação em História de outra universidade paulista, a UNICAMP, criado na segunda metade da década de 1970 e que procurava se constituir e construir como um *locus* de renovação da historiografia nacional, pensado em oposição ao programa da USP, [...]" (SANTOS, 2018, p. 53). Depois, segundo o autor, "o relato de De Decca constrói uma outra narrativa, bem distinta daquela produzida por Canabrava, acerca da produção historiadora nos programas de pós-graduação naquele momento. Além de tentar deslocar a Unicamp da área de influência da USP, construindo-a em seu relato como o lugar da mudança e da inovação, De Decca constrói o Departamento de História da USP como o lugar do conservantismo, do engessamento, da presença de uma forte estrutura hierárquica, produto do regime de cátedras, que se desdobrava através do paternalismo de orientadores para com orientandos e a pouca ou nenhuma abertura política para a construção e produção de uma historiografia inovadora, sobretudo, proveniente dos novos quadros formados naquele departamento. Se a tradição uspiana era francesa e estava assentada na contribuição intelectual dos *Annales*, a da UNICAMP, para De Decca se assentava no que "havia de mais inovador no campo da História Social, [...]" (SANTOS, 2018, p. 54).

¹⁰ Sobre os programas cariocas, Santos descreve: "Uma vez que seus programas de pós-graduação não aderem à tradição francesa dos *Annales* ou só a ela, mas também a outras tradições, nem sempre historiográficas, de outros países como, por exemplo, a americana – a partir dos vários brasilianistas que compuseram os programas das duas instituições. Assim como as tradições inglesa, alemã ou até mesmo latino-americana, depois da chegada de Ciro Flamarion Cardoso ao programa da UFF" (SANTOS, 2018, p. 52).

Na mesma direção vão as considerações de Ulpiano T. Bezerra de Meneses:

Antes que em meados do século passado os próceres do grupo dos *Annales* alforriassem, como se acredita, a imagem visual para servir de fonte histórica, é no século XVIII que começa a se afirmar o potencial cognitivo da imagem. [...] Mas é somente no século XIX que a imagem assume com intensidade sua capacidade documental, em especial com a rápida divulgação da fotografia, abundantemente empregada em geografia, antropologia, etnografia, arqueologia, ciências biológicas, astronomia, história da arte, arquitetura e urbanismo, e assim por diante. Surgem os arquivos fotográficos, que já assumem compromissos históricos, como os do Victoria & Albert Museum, em Londres, ou do Cabinet des Médailles, em Paris. Infelizmente, a história se manteve apartada desse novo horizonte em que se gestaram a antropologia visual e a sociologia visual (MENESES, 2012, p. 250-251).

Essas duas citações foram retiradas, respectivamente, das coletâneas *Domínios da História*, de 1997, e *Novos Domínios da História*, de 2012, nos artigos respectivamente denominados "História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema" e "História e imagem: iconografia/iconologia e além". Essas coletâneas organizadas por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas tinham por pretensão enumerar os campos de conhecimento sob o domínio dos historiadores, e a necessidade dessa explanação, segundo Santos, advém também de um confronto de posicionamentos teórico-metodológicos entre uspianos, unicampistas e os historiadores das instituições cariocas – três lugares institucionais que, como visto, tentavam afirmar para si a responsabilidade sobre a renovação historiográfica nacional.

Daí então é que entra em cena a organização da coletânea *Domínios da História*, com uma maioria de capítulos escritos por historiadores atuantes das instituições cariocas. Mas, voltando especificamente aos dois trechos citados, temos alguns pontos de análise. Em primeiro lugar, podemos sublinhar o fato de que o objeto imagético foi considerado uma fonte e uma área de domínio para a História nos dois livros. Em seguida, é importante ressaltar esse lugar comum de identificação do surgimento de trabalhos com pesquisa imagética a partir da influência dos *Annales*, informação também corroborada por

Peter Burke (2004). Porém, em ambos os artigos, esse lugar comum é questionado pela sua pouca efetividade ou como se deu a real influência da leitura dos *Annales* na historiografia brasileira construída a partir de fontes imagéticas.

Na citação de Meneses, esse questionamento é trazido ao seu discurso desde o momento em que se toca no assunto: os "próceres" dos *Annales* não teriam sido os primeiros a pensar no potencial histórico da imagem, mas talvez fossem os primeiros a trazê-la para a ciência histórica, tendo em vista que já era uma prática entre outras ciências humanas.

Já no texto de Mauad e Cardoso, a crítica vem em um momento posterior, na passagem a seguir:

A utilização de filmes como fontes para o historiador já não é uma novidade. Conta-se, mesmo, com o texto normativo famoso: o artigo metodológico publicado por Marc Ferro nos *Annales* e em seguida republicado em 1974 numa obra em três tomos que constitui uma espécie de manifesto do que se costuma chamar de Nova História (e que, a nosso ver, não se deve confundir com as propostas de Bloch e Febvre). E bem antes, em 1961, o livro organizado por Georges Samaran contava já com capítulos sobre fotografia e cinema (MAUAD, CARDOSO, 1997, p. 583).

Pode-se perceber que a frase posta em parênteses não faria diferença no entendimento do texto, porém os autores fizeram questão de colocar este aposto em meio ao parágrafo; pensando na escolha da construção do texto, ele poderia estar em uma nota de rodapé, mas os autores preferiram deixá-lo no corpo do texto. Portanto, esse aposto-provocativo, tem por função lembrar que a renovação historiográfica da Nova História, ou da terceira geração dos *Annales* não teria o mesmo teor ou originalidade dos fundadores dos *Annales* Bloch e Febvre.

É possível, portanto, constatar duas memórias sobre a inserção do estudo das imagens na historiografia brasileira: a que toma os *Annales* como origem, ainda que de forma crítica, a partir dos anos 1980 e a proposta por Santiago Junior, em que o debate teria sido inserido no Brasil nos anos 2000 por Knauss, Meneses e Guimarães. Mas, há como se pensar de forma mais orgânica, olhando para o contexto brasileiro da época de oitenta e, posteriormente, para os artigos em revistas e

simpósios temáticos voltados ao assunto.

Segundo Francisco Gouvea Souza, as mudanças ocorridas na historiografia brasileira da década de 1980 não se deram somente por uma diferenciação teórica proposta pelos *Anales*, mas também pelas experiências culturais e políticas vividas no país. A redemocratização abalou a historiografia brasileira, era preciso que a História desse voz aos vencidos, que aderisse a novos sujeitos históricos, e a historiografia vigente até então foi criticada por ater-se a um lugar de produção onde dominavam as elites.¹¹ No panorama teórico foram também recebidos os textos de Michel Foucault, E. P. Thompson e Antônio Gramsci, dando vez à intelectualidade das massas, das pessoas comuns, tirando-os de um espaço de subordinação no discurso histórico. A inclusão de novos assuntos e sujeitos na história fez com que houvesse a adesão de novas fontes e referências para a composição historiográfica, incorporando, portanto, também as imagens.

Em relação a Foucault e também a outros escritores considerados pós-estruturalistas, foi atribuído o giro linguístico, que causou grande abalo dentro das discussões teóricas nas universidades brasileiras.¹² Os historiadores foram confrontados quanto à natureza da sua prática, posto que o que fazem é científico, porém é também uma forma de narrativa. Ou seja, uma escrita e uma forma de linguagem padronizada, assim configurando uma forma literária, ajustada e elaborada pelos historiadores sob o amparo das instituições de pesquisa. No que diz respeito às imagens, Foucault também deixa uma brecha para a diferenciação, tendo em vista que as imagens são outra forma de linguagem que não operam pelos mesmos códigos que os da escrita, portanto, não pode ser traduzida em palavras. Sendo assim, Foucault refere-se a essas duas formas diferentes de se codificar coisas da seguinte maneira:

Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que

se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem (FOUCAULT, 1995, p. 12).

Tal constatação surge em meio à análise de Foucault sobre o quadro *As Meninas de Velásquez*. No livro *As Palavras e as Coisas* (1995), o autor demonstra o quanto a relação dos olhos com o quadro pode ser infinita se nos deixarmos levar pelas formas e pela reflexão das formas ao seu nível de existência. Assim, simplesmente nomear os personagens seria uma adequação convencional; para ajustar os nomes próprios às formas é preciso compartilhar do conhecimento de um mesmo espectro social. Tais reflexões filosóficas passam então a influenciar a escrita da História brasileira.

Ainda sobre os anos 1980, conforme ressaltam Carlos Fico e Ronald Polito, houve um crescimento dos usos de materiais iconográficos na História composta pelos historiadores brasileiros. Ainda que não tão amplo e expressivo, tal emprego apontava novos temas de interesse dos historiadores, com outras fontes e formas de abordagem:

Pensando os tipos de trabalhos mais presentes neste grupo,¹³ tem-se que 50% são transcrições (cerca de 20 transcrições de manuscritos, 8 transcrições de fontes orais e as demais de fontes impressas). Da outra metade, 34 são edições fac-similares (dentre as quais 10 de jornais), 16 são de reprodução de fotografias e os restantes de reprodução iconográfica ou de objetos artísticos vários. Ainda que o total de trabalhos seja pequeno, os tipos dos mesmos indicam uma ampliação dos gêneros de fontes que passam a interessar aos historiadores (FICO; POLITO, 1992, p. 81, grifo nosso).

Os autores prosseguem ressaltando diversos trabalhos que fizeram uso da iconografia, principalmente no âmbito da abolição e escravatura – não por acaso, os temas de maior expressividade à época. É no período da década de oitenta que ocorre também uma consolidação dos programas de pós-graduação no Brasil e uma importância maior é dada aos artigos científicos especializados, ocorrendo uma proliferação.

¹¹ Neste caso, as elites paulistas ligadas às cátedras da USP, ver Geminiano (2018).

¹² Ver Ramos (2015).

¹³ O "grupo" refere-se a Instrumentos de Pesquisa, Obras de Referência e Transcrições no Brasil entre 1980-1989.

3 A afirmação das relações entre História e imagem na historiografia brasileira

Tendo em vista os processos citados, podemos constatar que a partir dos anos 2000 a historiografia brasileira amplia o campo de estudos sobre as imagens. Nos programas de pós-graduação anteriormente enumerados, podemos perceber distinções em relação ao número de produções de teses e dissertações com fonte visual. Sendo que os programas que se propuseram a fazer uma renovação foram os que mais tiveram pesquisas realizadas com fonte imagética. O programa da Unicamp foi, disparadamente, o de maior percentual de trabalhos com pesquisa imagética em relação ao total de teses e dissertações defendidas dentro do período de 2007 a 2017, em seguida o da UFF; já o da USP ficou com um percentual menor em relação aos anteriores.¹⁴ Outro importante fator foi a adoção de linhas de pesquisa relacionadas aos estudos culturais, como "História Social da Cultura", "História Cultural do Social" ou mesmo somente "História Cultural".¹⁵

Considerando-se as revistas científicas em História, é somente nos anos 2000 que o tema das relações entre imagem e História passa a ser publicado. Em 2004, a *Revista Estudos Históricos* (REH), ligada ao PPGH da FGV, publica o número intitulado *História e Imagem* contando com cinco artigos em torno do tema, além de resenhas, entrevista com o historiador Philippe Dubois, notícias institucionais e ensaios bibliográficos. Entre os autores e autoras presentes nesse número destacamos a historiadora Mônica Almeida Kornis, que, como mostraremos a seguir, é uma participante assídua dos Simpósios Temáticos sobre História

e Imagem nos encontros do Simpósio Nacional de História promovido pela Anpuh.¹⁶

Já no ano de 2005, a *Revista Brasileira de História* (RBH) publica o número intitulado *História e manifestações visuais*¹⁷; tal tema, segundo a apresentação do conselho editorial, seria inovador em vista dos outros números já publicados pela revista. A edição conta com oito artigos, entre os autores destacam-se nomes como o de Bóris Kossoy, Ana Maria Mauad e Eduardo Morettin (este último, ao lado de Kornis, também coordenou muitos simpósios temáticos sobre o assunto). Além dos artigos, há também uma resenha e uma entrevista com o historiador Alain Corbin.

No ano de 2005 ocorreu também o 23º Simpósio Nacional de História, no qual o tema História e Imagem já desponta entre os simpósios temáticos. Tal fato representa um crescimento dessa área temática, tendo em vista que o maior encontro dos historiadores brasileiros abre a partir de então um espaço específico para pesquisadores dedicados ao assunto. O quadro a seguir foi feito com base na leitura dos Anais dos SNH e dos Simpósios Temáticos oferecidos pelo evento. Assim, foram selecionados os ST que faziam menção ao uso das imagens na História, sejam ligados ao audiovisual, ao visual, a arte ou a Cultura Visual, e destacados os títulos e os professores (as) coordenadores (as). Como se sabe, este encontro ocorre a cada dois anos; na nossa tabela mapeamos os ST propostos nos encontros que ocorreram entre 2005 e 2019, totalizando oito eventos.¹⁸

¹⁴ Esta afirmação é fruto de uma pesquisa nos bancos de teses e dissertações de seis PPGH, da USP, UNICAMP, UFF, UFRJ, UFMG e UFRGS, durante o período de 2007 a 2017, destacando as pesquisas cuja principal fonte histórica foram as imagens, em vista dos outros trabalhos. Os percentuais de produção de pesquisas com fonte visual em cada PPGH foram: USP- 7,61%; UNICAMP- 16,74%; UFF- 10,37%; UFRJ- 8,51%; UFMG- 9,23%; UFRGS- 6,46%.

¹⁵ De acordo com Santos (2018), no início dos anos 1980 ainda havia uma indefinição geral das linhas de pesquisa, áreas de concentração, abordagens e temas a serem adotados pelos programas (SANTOS, 2018, p. 51). Mas em geral passaram-se a distinguir entre História Cultural e História Social, muitas linhas foram consolidadas ou criadas no decorrer dos anos 1990 e 2000.

¹⁶ Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/301>. Acesso em: 29 dez. 2019.

¹⁷ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuotoc&pid=0102-018820050001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 dez. 2019.

¹⁸ O site da Anpuh oferece os anais dos SHN desde o ano 2001. No entanto, a forma como ocorria o evento e como eram organizados os anais em 2001 e 2003 é diferente dos anos seguintes e por isso não pode haver uma identificação de Simpósios Temáticos que lidassem com imagem. Os anais de 2001 são divididos por resumos de Comunicações Coordenadas (espaço de organização extinto, deu lugar aos ST) e por Grupos de Trabalho, os primeiros aparentemente seguindo uma ordem geográfica estadual. Já os anais de 2003 não especificam as divisões por área temática, apresentando diretamente os artigos completos em ordem alfabética de acordo com o nome do autor. Com exceção dos anais de 2005, todos os outros foram analisados digitalmente, apenas o de 2005 foi analisado o caderno impresso devido à inexistência do endereço digital indicado no site. Ver: <https://anpuh.org.br/quem-somos/simposio-nacional-de-historia>. Acesso em 29 dez. 2019.

Quadro 1 – Simpósios Temáticos

<p>XXIII SNH- 2005 "História: Guerra e Paz" UEL- Londrina, PR</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ST: História e linguagens: teatro- música- literatura- cinema <u>Coordenadores (as):</u> Alcides Freire Ramos, Arnaldo Daraya Contier, João Pinto Furtado, Rosângela Patriota Ramos. • ST: Dimensões políticas do Audiovisual: guerra, revolução, propaganda e lutas sociais <u>Coordenador:</u> Eduardo Victorio Morettin (Universidade de São Paulo) • ST: Cultura visual, vídeo e história <u>Coordenadoras:</u> Cristina Meneguello e Iara Lis Schiavinatto • ST: História, arte e imagem <u>Coordenadoras:</u> Maria Bernadete Ramos Flores, Rosângela Miranda Cherem • ST: História no cinema, história do cinema <u>Coordenadora:</u> Sheila Schvarzman
<p>XXIV SNH- 2007 "História e a Multidisciplinaridade: Territórios e deslocamentos" UNISINOS- São Leopoldo, RS.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ST: Cinema-História: teoria e empiricidades numa perspectiva transdisciplinar (imagens e audiovisuais nas suas transversalidades) <u>Coordenadores (as):</u> Jorge Luiz Bezerra Nóvoa (Universidade Federal da Bahia), Miriam de Souza Rossini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) • ST: História, Imagem e Cultura Visual <u>Coordenadores (as):</u> Charles Monteiro (PUCRS), Iara Lis Franco Schiavinatto (UNICAMP) • ST: Imagens de Arte: fronteiras disciplinares entre história da imagem e história da arte <u>Coordenadores (as):</u> Luciene Lehmkuhl (Universidade Federal de Uberlândia), Paulo Knauss (Universidade Federal Fluminense) • ST: O estatuto do cinema e da televisão na pesquisa histórica: documento, memória, representação e interdisciplinaridade <u>Coordenador:</u> Eduardo Victorio Morettin (Universidade de São Paulo)
<p>XXV SNH- 2009 "História e ética" UFC, Fortaleza, CE.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ST: Cultura Visual, Imagem e História <u>Coordenadores (as):</u> Cristina Meneguello (Pós-doutor(a) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Jens Michael Baumgarten (Pós-doutor(a) - Unifesp) • ST: Imagens de Arte e a Ética do Olhar <u>Coordenadores (as):</u> Luciene Lehmkuhl (Pós-doutor(a) - Universidade Federal da Paraíba), Paulo Knauss (Pós-doutor(a) - Universidade Federal Fluminense) • ST: Cinema, História e Razão Poética: Problemas de Pesquisa e Ensino <u>Coordenadores:</u> Jorge Luiz Bezerra Nóvoa (Pós-doutor(a) - Universidade Federal da Bahia), Marcos Antonio Da Silva (Pós-doutor(a) - Universidade de São Paulo -FFLCH) • ST: Dimensões Históricas do Audiovisual: o Ethos e o Pathos da Imagem <u>Coordenadores (as):</u> Marcos Francisco Napolitano De Eugenio (Doutor(a) - Universidade de São Paulo), Mônica Almeida Kornis (Doutor(a) - CPDOC/FGV) • ST: História no Cinema/ História do Cinema <u>Coordenadoras:</u> Rosana Elisa Catelli (Doutor(a) - UNICAMP), Sheila Schvarzman (Pós-doutor(a) - Universidade Anhembi Morumbi)

<p>XXVI SNH- 2011 "ANPUH: 50 Anos" USP, São Paulo, SP</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ST: Cinema-História e Razão Sensível - Problematizar fidedignidade, verossimilhança, objetividade e transdisciplinaridade <u>Coordenadores:</u> Jorge Luiz Bezerra Nóvoa (Pós-doutor - Universidade Federal da Bahia), Marcos Antonio da Silva (Pós-doutor - Universidade de São Paulo- FFLCH) • ST: Cultura Visual, Imagem e História <u>Coordenadores (as):</u> Charles Monteiro (Pós-doutor- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Cristina Meneguello (Pós-doutor(a) - Universidade Estadual de Campinas) • ST: História do Cinema/ História no Cinema <u>Coordenadoras:</u> Rosana Elisa Catelli (Doutor(a) - UNICAMP), Sheila Schvarzman (Pós-doutor(a) - Universidade Anhembi Morumbi) • ST: História e arte: práticas historiográficas <u>Coordenadoras:</u> Maria Bernardete Ramos Flores (Pós-doutor(a) - UFSC), Maria De Fátima Morethy Couto (Pós-doutor(a) - Instituto de Artes/Unicamp) • ST: História e Quadrinhos: pesquisa e ensino em História e as interações com a nona arte <u>Coordenadora:</u> Geisa Fernandes (Doutor(a) - Observatório de Histórias em Quadrinhos/USP) • ST: História, Cinema e Televisão: a experiência do real na narrativa fílmica e televisiva <u>Coordenadores (as):</u> Eduardo Victorio Morettin (Pós-doutor(a) - Universidade de São Paulo), Mônica Almeida Kornis (Doutor(a) - CPDOC/FGV) • ST: Imprensa ilustrada e jornalismo no Brasil do século XIX <u>Coordenadores:</u> Aristeu Elisandro Machado Lopes (Doutor(a) - UFPel), Marcelo Balaban (Pós-doutor(a) - UnB - Universidade de Brasília)
<p>XXVII SNH- 2013 "Conhecimento Histórico e Diálogo Social" UFRN, Natal, RN</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ST: Cultura visual, imagem e história: visualidade e culturas históricas <u>Coordenadores (as):</u> Flavia Galli Tatsch (Doutor(a) - EFLCH / Universidade Federal de São Paulo), Francisco Das Chagas F. Santiago Jr. (Doutor(a) - UFRN) • ST: História e Cinema: Diálogos em Pesquisa e Ensino <u>Coordenadores:</u> Jorge Luiz Bezerra Nóvoa (Pós-doutor(a) - Universidade Federal da Bahia), Marcos Antonio da Silva (Pós-doutor(a) - Universidade de São Paulo (FFLCH)) • ST: História e Quadrinhos: Pesquisa e Ensino em História e as Interações com a Nona Arte / 096. Imprensa ilustrada e jornalismo no Brasil do século XIX <u>Coordenadores (as):</u> Geisa Fernandes (Doutor(a) - Observatório de Histórias em Quadrinhos/USP), Marcelo Balaban (Pós-doutor(a) - UnB - Universidade de Brasília) • ST: História, Cinema e Televisão: dimensões históricas do audiovisual <u>Coordenadores (as):</u> Eduardo Victorio Morettin (Pós-doutor(a) - Universidade de São Paulo), Mônica Almeida Kornis (Doutor(a) - CPDOC/FGV) • ST: Imagens de arte atuam sobre nós: dialética, anacronismo, montagem, sobrevivência <u>Coordenadoras:</u> Luciene Lehmkuhl (Pós-doutor(a) - Universidade Federal da Paraíba), Maria Bernardete Ramos Flores (Pós-doutor(a) - UFSC) • ST: (Junção de dois STs) Imprensa, Cinema e História Contemporânea: Novos Objetos e Métodos da Investigação Histórica / Imprensa ilustrada e jornalismo no Brasil do século XIX <u>Coordenadores (as):</u> Aristeu Elisandro Machado Lopes (Doutor(a) - UFPel), Monica Piccolo Almeida Chaves (Doutor(a) - Universidade Estadual do Maranhão), Muna Omran (Doutor(a) - PUC/CAP)

<p>XXVIII SNH- 2015 "Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios" UFSC, Florianópolis, SC.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ST: Cultura Visual e História: os sentidos das imagens no ofício do historiador <u>Coordenadores (as):</u> Charles Monteiro (Pós-doutor(a) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Iara Lis Franco Schiavinatto (Doutor(a) - UNICAMP) • ST: Lugares do cinema e da televisão na história, lugares da história no cinema e na televisão <u>Coordenadores (as):</u> Eduardo Victorio Morettin (Pós-doutor(a) - Universidade de São Paulo), Mônica Almeida Kornis (Doutor(a) - CPDOC/FGV) • ST: Memória, narrativa e invenção: artes, culturas urbanas e escrita da História <u>Coordenador:</u> Edwar de Alencar Castelo Branco (Pós-doutor(a) - Universidade Federal do Piauí) • ST: Os lugares das imagens <u>Coordenadoras:</u> Maria Cristina Correia Leandro Pereira (Doutor(a) - USP), Rita Luciana Berti Bredariolli (Doutor(a) - IA-UNESP) • ST: Arte e Patrimônio <u>Coordenadores (as):</u> Emerson Dionisio Gomes De Oliveira (Doutor(a) - Universidade de Brasília), Maria Bernardete Ramos Flores (Pós-doutor(a) - UFSC) • ST: Cultura audiovisual, memória e narrativas do pertencimento: território e identidade na contemporaneidade. <u>Coordenadores (as):</u> José Roberto Severino (Doutor(a) - UFBA/FACOM), Zilda Marcia Gricoli Ilokoí (Livre Docência - Universidade de São Paulo)
<p>XXIX SNH- 2017 "Contra os Preconceitos: História e Democracia" UNB, Brasília, DF.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ST: Artes visuais, política e representação <u>Coordenadores:</u> Kleber Antonio de Oliveira Amancio (UNICAMP), Martinho Alves da Costa Junior (Universidade Federal de Juiz de Fora) • ST: História Oral, História Visual, História Audiovisual: fontes históricas em sons e imagens. <u>Coordenadora:</u> Ana Carolina de Moura Delfim Maciel (UNICAMP - COCEN) • ST: História, cinema e televisão: espaços de construção da memória <u>Coordenadores (as):</u> Eduardo Victorio Morettin (Universidade de São Paulo), Mônica Almeida Kornis (CPDOC/FGV) • ST: Imagem, Cultura Visual e História <u>Coordenadores:</u> Charles Monteiro (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (UFRN) • ST: Imprensa e circulação de ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX <u>Coordenadoras:</u> Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa), Tania Regina de Luca (UNESP) • ST: Representações: política, imagens e escritas <u>Coordenadores (as):</u> Gabriel de Carvalho Godoy Castanho (Instituto de História-UFRJ), Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP)

<p>XXX SNH- 2019 "História e o futuro da educação no Brasil" UFPE, Recife, PE</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ST: Cultura Visual, História e Imagem. <u>Coordenadores (as):</u> Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (UFRN), Helouise Lima Costa (MAC-USP) • ST: História e mídia <u>Coordenadores:</u> Edvaldo Correa Sotana (UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso), Wellington Amarante Oliveira (Universidade Federal do Tocantins (UFT) • ST: História, arte e patrimônio: usos das imagens e da cultura material e visual. <u>Coordenadoras:</u> Jaqueline Aparecida Martins Zarbato (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Maristela Carneiro (SEED-PR) • ST: História, cinema e televisão: lugares de disputa pela memória <u>Coordenadores:</u> Eduardo Victorio Morettin (Universidade de São Paulo), Ignacio Del Valle Dávila (Universidade Federal da Integração Latino-americana) • ST: Por uma compreensão histórica das aparências: os usos da moda, do vestuário e da visualidade - um olhar para o ensino e a multiculturalidade <u>Coordenadoras:</u> Maria Claudia Bonadio (Universidade Federal de Juiz de Fora), Mara Rubia Sant Anna (UDESC)
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

No decorrer dos oito eventos, pode-se notar que há um número constante de ST relacionados ao universo imagético, tendo chegado a um mínimo de quatro, em 2007, e ao máximo de sete, em 2011. Entre os simpósios enumerados, podemos destacar nomes que foram e/ou são expoentes para a área, simpósios que tiveram maior ou menor periodicidade e até mesmo encontros que tiveram como produto posterior a publicação de livros e artigos. Um exemplo é do ST de 2005, "História e linguagens: teatro-música-literatura-cinema", em que dois dos coordenadores, Alcides Ramos e Rosângela Patriota, juntamente com Sandra J. Pesavento, organizaram o livro *Imagens da História*, publicado em 2008.¹⁹

É notável a permanência do ST "Imagem, Cultura Visual e História", que foi realizado nos oito eventos com apenas uma diferença de título no ano de 2005, ficando "Cultura visual, vídeo e história". Esse simpósio adquiriu o espaço de Grupo de Trabalho na Associação Nacional de História em 2005 e foi refundado em 2011.²⁰ Tendo em vista que o evento admite apenas apresentações de mestrados e doutorandos, é provável que

os diálogos promovidos tenham sido de fundamental importância para a formação dos profissionais que nele se inscreveram e teve influência na área como um todo. Seis professores foram responsáveis pela coordenação desse simpósio nas suas ocorrências: Charles Monteiro (PUCRS), Lara Liz Franco Schiavinatto (Unicamp), Cristina Meneguello (Unicamp), Jens Michael Baumgarten (Unifesp), Flavia Galli Tatsch (Unifesp) e Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (UFRN), que atualmente preside o grupo de trabalho.

O professor Monteiro foi o que permaneceu mais vezes como coordenador do ST, e ajudou na refundação do GT em 2011,²¹ ele também é responsável pelo "Laboratório de Pesquisa em História da Imagem e do Som" no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Já Santiago Júnior é autor da mais recente publicação em revista brasileira sobre o tema História e Imagem, ora comentado, ora fazendo uma análise historiográfica sobre os impactos do *visual turn* e *iconic turn*.²²

Outro importante ST foi o de Imagens de Arte, envolvendo imagens, arte, práticas historiográficas, patrimônio e questões que envolvem as

¹⁹ RAMOS, Alcides Freire *et al* (Org.). *Imagens da História*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008. 461 p.

²⁰ Ver: <https://anpuh.org.br/index.php/grupos-de-trabalho/atividades/item/3828-gt-imagem-cultura-visual-e-historia>. Acesso em: 4 out. 2019.

²¹ Charles Monteiro também foi integrante da formação do GT "História, imagem e cultura visual" na seção Estadual Rio Grande do Sul em 2010, e coordenou a gestão do grupo entre 2014 e 2016. Além da seção estadual-RS o GT também existe nas seções do RJ e SP.

²² SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. *Dimensões historiográficas da virada visual ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens?* Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 402 - 444, set./dez. 2019

fronteiras disciplinares entre a Arte, a História, História da Arte e História das Imagens. Este ST não esteve presente somente no encontro de 2017. Ele recebeu diferentes títulos ao longo dos Simpósios,²³ embora seja possível perceber a permanência de alguns professores-coordenadores que permearam esse diálogo ao longo dos anos, como Luciene Lehmkuhl (UFU),²⁴ Paulo Knauss (UFF) e Maria Bernardete Ramos Flores (UFSC).

Os ST sobre história e cinema e o audiovisual foram os de maior expressão quantitativa entre os ST destacados ao longo dos anos. O professor Jorge Luiz Bezerra Nóvoa (UFBA) coordenou durante quatro encontros o ST sobre História e Cinema²⁵, juntamente com o professor Marcos Antonio da Silva (USP). Os títulos dos ST enfatizavam os problemas de ensino e pesquisa através dessa fonte, e faziam referência a perspectiva transdisciplinar nos estudos sobre Cinema e História, alternados os anos.

Ainda neste sentido, um importante ST foi realizado durante cinco encontros pelo professor Eduardo Victorio Morettin (USP) sobre História, Cinema e Televisão, contando também – a partir do terceiro encontro enumerado – com a coordenação da professora Mônica Almeida Kornis (CPDOC/FGV). Ambos são frequentemente citados pelas pesquisas que trabalham com esses objetos, sendo que Morettin é um importante debatedor/comentador das obras de Marc Ferro. No simpósio de 2009, Morettin não esteve presente, todavia Kornis coordenou junto com o professor Marcos Napolitano o ST "Dimensões Históricas do Audiovisual: o Ethos e o Pathos da imagem", sendo a única contribuição de Napolitano como coordenador entre os ST destacados, ele que também é autor de uma importante bibliografia para o campo.

As doutoras Sheila Schvarzman (Anhembí Morumbi) e Rosana Elisa Catelli (UNICAMP) co-

ordenaram em 2009 e 2011 o ST "História no Cinema/História do Cinema", que posteriormente não tiveram mais continuidade. Finalizando os ST sobre audiovisual,²⁶ ocorreram respectivamente em 2015 e 2017 o ST "Cultura audiovisual, memórias e narrativas do pertencimento: território e identidade na contemporaneidade" e "História Oral, História Visual, História Audiovisual: fontes históricas em sons e imagem", que abrangiam temas mais amplos a respeito das fontes tratadas.

A respeito da imprensa ilustrada – incluindo, portanto, revistas ilustradas, jornais e periódicos –, ocorreram três simpósios. Os dois primeiros em 2011 e 2015, coordenados pelo doutor Aristeu Elisandro Machado Lopes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Marcelo Balaban da Universidade de Brasília (UNB),²⁷ e em 2017 pelas professoras Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa) e Tania Regina de Luca da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Os três ST foram voltados para as imagens da imprensa principalmente no século XIX e no XX, período que também é o mais comum para as teses e dissertações que estudam tal objeto.

A respeito da nona arte, que são as histórias em quadrinhos, houve apenas dois simpósios, coordenados pela doutora Geisa Fernandes que faz parte do Observatório de Histórias em Quadrinhos da USP.

Os dois últimos SNH contaram com a coordenação da professora Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP). Em 2015, em parceria com a doutora Rita Luciana Berti Bredariolli (IA- UNESP) coordenaram o ST "Os lugares das Imagens". Em 2017, agora em parceria com o doutor Gabriel de Carvalho Godoy Castanho (UFRJ) coordenaram o ST "Representações: política, imagens e escritas".

²³ A saber: 2007 "Imagens de Arte: fronteiras disciplinares entre histórias da imagem e história da arte"; 2009 "Imagens de Arte e a Ética do Olhar"; 2011 "História e Arte: práticas historiográficas"; 2013 "Imagens de arte atuam sobre nós: dialética, anacronismo, montagem, sobrevivência"; 2015 "Arte e Patrimônio".

²⁴ Atualmente na UFPB.

²⁵ Em 2007, contou com a coordenação da professora Miriam de Souza Rossini (UFRGS) e não de Silva.

²⁶ Houve ainda, em 2013, o ST "Imprensa, Cinema e História Contemporânea: novos objetos e métodos da investigação histórica" que, no entanto, foi acoplado a outro ST.

²⁷ Ao que indica o site do SHN 2015, o ST coordenado por estes professores intitulado "Imprensa ilustrada e jornalismo no Brasil do século XIX" dividido e juntado a outros dois ST.

Considerações finais

A partir do exposto, pode-se perceber que os historiadores brasileiros que tratam das imagens estão engendrados em uma rede intelectual que partilha, em grande parte, das mesmas leituras, tendo em vista que os dois principais artigos que apontam para as influências internacionais sobre as “viradas imagéticas” foram escritos por dois pesquisadores reconhecidos na área pelos pares. A saber, Paulo Knauss foi considerado por Santiago Júnior – atual coordenador no grupo de trabalho “Imagem, Cultura Visual e História” – como um dos expoentes na inserção das leituras sobre imagem como fonte histórica no Brasil. E, de fato, Knauss é uma referência indiscutível dada sua carreira no campo, com uma ampla produção de bibliografia, coordenação de simpósios temáticos e orientação de dissertações e teses. Santiago Júnior, por sua vez, iniciou suas pesquisas em período posterior a Knauss, e em seu artigo mais recente, de 2019, retoma e complementa as discussões desse último.

Além desses, Ana Maria Mauad, Ciro Flamarion Cardoso, Ulpiano T. Bezerra de Meneses, Charles Monteiro, Lara Lis Franco Schiavinatto e demais citados ao longo de todo o texto demonstram conexões na configuração de uma rede intelectual existente na historiografia brasileira a respeito da utilização das imagens. Essa rede amplia-se à medida que mais Simpósios Temáticos vão sendo criados, ou na criação dos Grupos de Trabalho e na profissionalização dos historiadores levando esta forma de investigação para demais instituições de pesquisa.

De todo modo, esse movimento continua sendo recente e por este motivo faz-se notório o quanto os pesquisadores da área ainda se preocupam com o enquadramento das imagens na História. Parte considerável dos ST faz menção às teorias e metodologias empregadas no uso das imagens, ou ainda nas suas implicações para a pesquisa e ensino de história, bem como a necessidade de uma interdisciplinaridade para desenvolvê-los. Sendo assim, entendemos que o uso das imagens como fonte histórica ainda é recente, no entanto vem sendo debatido e desdobrado entre os pares e que a historiografia brasileira possui especialis-

tas e estudantes no tema que vêm aumentando e aprofundando este tipo de pesquisa.

Referências

ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a Imagem*. Tradução de: Carla Rodrigues (coordenação), Fernando Fragozo, Alice Serra, Marianna Poyares. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 236.

ALPERS, Svetlana. *A Arte de Descrever: a arte holandesa no século XVII*. São Paulo EDUSP, 1999.

BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

BELTING, Hans. *Antropologia da imagem*. Lisboa: KKYM: Gallimard, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985. v. I.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Ciro F.S. Iconografia e História. *Resgate: Revista interdisciplinar de cultura* (Campinas), Campinas, v.1, p. 9-17, 1990.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dominios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. cap. 18. p. 300-320.

CARVALHO, Wesley Rodrigues de. *O curso de mestrado em História na Universidade Federal Fluminense: estado, universidade e desenvolvimento historiográfico nos anos 1970*. Orientador: Marcelo Badaró Mattos. Niterói, 2019. 447f. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense, 2013. p.384

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

COLI, Jorge. A Obra Ausente. In: SAMAIN, Etienne. *Como Pensar as Imagens*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012. p. 41-45. <https://doi.org/10.7476/9788526814738.0004>

DAUMARD, Adeline. O tratamento dos dados. In: DAUMARD, Adeline. *História Social do Brasil: teoria e metodologia*. Curitiba: 1984. Parte I, cap. IV.

DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível*. Florianópolis: Edufsc, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Imagem Sobrevivente: a história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013.

DUPRAT, Annie. *Historie et Images*. In: DELACROIX, Christian et al (dir). *Historiographies Concepts et Débats*. Gallimard: France, 2010. p. 307-340.

FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: Ufop, 1992. 1 v.

FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, 1992. p. 237-72.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Jaime. Periódicos Acadêmicos: antagonismos entre produção e leitura (notas sobre revistas das áreas de Letras publicadas em 2013 *Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia*, v. 5, n. 1, p. 10-41, jan./jul. 2014.

GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 68-75, 1996.

JAY, Martin. The Disenchantment of the Eye: surrealism and the crisis of ocularcentrism. *Visual Anthropology Review*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 15-38, 1991. <https://doi.org/10.1525/var.1991.7.1.15>

JONATHAN Crary. *Thomas Elsaesser e Leo Manovich*. [S. l.]: [s. n.], [20--?].

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. Documento e História: A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (ed.). *O historiador e as suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. cap. 1. p. 9-27.

KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.151-168, dez. 2008. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.7964>

KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize (org.). *Outros objetos do olhar: história e arte*. Niterói: LABHOI/UFF, 2016.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, v.8, n.12, p. 97-115, jan-jun, 2006.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de (ed.). *Fotografias: Usos sociais e historiográficos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (ed.). *O historiador e as suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. cap. 2. p. 29-60.

MACEDO, Francisco Barbosa. *O (re) fazer-se da historiografia: a obra de E. P. Thompson na produção discente do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp (1982-2002)*. Orientador Lincoln Ferreira Secco, 2017. 527f. Tese (Doutorado) - Departamento de História. Área de concentração: História Econômica, - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Apresentação*. In: Lima, Solange F.; Carvalho, Vania Carneiro de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo, álbuns de São Paulo (1887-1950)*. São Paulo: Mercado das Letras, 1997.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.23, n. 45, p. 11-36, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100002>

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da História*. São Paulo/Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 243 - 262.

MONTEIRO, Charles (org.). *Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p.132 (Série Mundo Contemporâneo).

MONTEIRO, Rosana Horio. Arte e ciência no século XIX: um estudo em torno da descoberta da fotografia no Brasil. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 34, p. 51-70, 2004.

NAPOLITANO, M.; MORETTIN, E. História e Audiovisual: formação e percursos de um grupo de pesquisa. *Antíteses*, Londrina, v. 12, p. 563-578, 2019. <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2019v12n23p563>

NICODEMO, Thiago Lima; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Uma Introdução à História da Historiografia Brasileira (1870-1970)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. 232 p.

PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.120.

PANOFSKY, Erwin. *Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença*. In: Significado nas artes visuais. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. p. 47-87.

RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens da História*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008. p. 461.

RAMOS, Igor Guedes. *Genealogia de uma operação historiográfica: Edward Palmer Thompson, Michel Foucault e os historiadores brasileiros da década de 1980*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 623. <https://doi.org/10.7476/9788579837067>

RANCIÈRE, Jacques. *Figuras da história*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

REVISTA ESTUDOS HISTÓRICOS: História e Imagem. Rio de Janeiro: Fgv, v. 2, n. 34, 2004. Semestral. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/301>. Acesso em: 16 jan. 2019.

SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora Unicamp 2012. <https://doi.org/10.7476/9788526814738>

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. Dimensões historiográficas da virada visual ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens? *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 402-444, set./dez. 2019. <https://doi.org/10.5965/2175180311282019402>

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. A virada e a imagem: história teórica pictorial/ iconic/ visual turn e suas implicações para as humanidades. *Anais no Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, v. 27, 2019, p. 1-51. <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e08>

SANTOS, Wagner Geminiano dos. *A Invenção da Historiografia Brasileira Profissional, Acadêmica: Geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil. (1980-2012)*. 2018. 435 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Pelotas, 2018.

SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco; COSTA, Eduardo Augusto (org.). *Cultura Visual e História*. São Paulo: Alameda, 2016. *Ebook*.

SOUZA, Francisco Gouvea de. Escritas da história nos anos 80: um ensaio sobre o horizonte histórico da (re) democratização. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 24, n. 26, p. 159-181, dez. 2017. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.74972>

WARBURG, Aby. *Histórias de fantasmas para gente grande: escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 417

Khyara Gabrielly Mendes Fontanini

Mestranda em História Cultural pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em São Paulo, SP, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil.

Endereço para correspondência

Khyara Gabrielly Mendes Fontanini
Universidade Federal de São Paulo
Estr. do Caminho Velho, 333
Jardim Nova Cidade, 07252312
Guarulhos, SP, Brasil